

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

Volume 13
Número 2
Dezembro 2024

A QUEDA DO SER HUMANO: O PECADO E O LIVRE-ARBÍTRIO

THE FALL OF HUMAN BEINGS: SIN AND FREE WILL

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão¹

RESUMO

O artigo analisa o conceito bíblico da queda do ser humano, em Gênesis 3, destacando sua implicação teológica, moral e existencial. Analisa a origem do pecado, introduzido pela tentação da serpente, e sua relação com a liberdade humana. Questiona-se por que Deus permitiu a tentação e interpreta-se essa permissão como uma expressão da misericórdia divina, abrindo caminho para a redenção. A análise inclui as dinâmicas da tentação, a corrupção do ser humano, e a introdução do pecado original, que molda a natureza humana. Aborda-se também os debates sobre o conceito livre-arbítrio, destacando sua coexistência com a soberania divina e suas limitações devido ao pecado. O artigo defende a centralidade da doutrina do pecado para entender a salvação e enfatiza sua relevância para a prática cristã contemporânea.

Palavras-chave: Ser humano. Queda. Pecado. Livre Arbítrio.

ABSTRACT

The article analyzes the biblical concept of the fall of the human being, in Genesis 3, highlighting its theological, moral and existential implications. It analyzes the origin of sin, introduced by the temptation of the serpent, and its connection with human freedom. It questions why God allowed temptation and interprets this permission as an expression of divine mercy, allowing redemption. The analysis includes the dynamics of temptation, the corruption of the human being, and the introduction of original sin, which shapes human nature. It also addresses debates

¹ Luiz Sayão, teólogo, linguísta e hebraísta (Mestrado USP), tradutor da Bíblia, é professor da área bíblica e teológica, bem como conselheiro acadêmico da Faculdade Batista Pioneira e pastor da Igreja Batista Nações Unidas em São Paulo. E-mail: sayaoluiz@gmail.com

about free will, highlighting its coexistence with divine sovereignty and its limitations due to sin. The article defends the centrality of the doctrine of sin to understand salvation and emphasizes its relevance for contemporary Christian practice.

Keywords: Human being. Fall. Sin. Free Will.

Porque se a mensagem transmitida por anjos provou a sua firmeza, e toda transgressão e desobediência recebeu a devida punição, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram (Hb 2.2-3).

Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos (1Jo 2.19).

O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançado à terra (Ap 12.9).

No começo da Bíblia, em Gênesis, logo no capítulo 3, a Bíblia apresenta a origem do pecado. Lemos nas Escrituras que o homem e a mulher foram tentados pela serpente (Satanás na teologia cristã). Todos conhecem bem essa história: Deus havia ordenado que eles não comessem do “fruto do conhecimento do bem e do mal”.² E esse fruto, na verdade, significava o fruto do conhecimento total, do conhecimento absoluto, pertencente só a Deus.

A ideia de proibição que aparece em Gênesis 3 tem sentido mais profundo, pois aborda os limites impostos ao homem de sua intenção de querer ser como Deus, como nos revela o próprio texto.³ Quando a serpente traz a palavra de tentação, ela apresenta a expressão: “Vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal.” O fato é que Deus havia colocado esta ordem, expressando o seu mandamento de proibição para o homem e a mulher. E o texto diz que a serpente, que é reconhecidamente a figura do mal, a figura de Satanás, aparece trazendo esta tentação contra os nossos primeiros pais.

Todavia, quando lemos isso, ficamos surpresos e imediatamente surge em nossa mente a pergunta: Mas se Deus é tão poderoso, se Deus é tão bom, por que Deus permitiu ou possibilitou esta realidade do homem passar pelo teste da queda? O teste do pecado, sendo que Deus mesmo sabia que o homem e a mulher, os dois iriam cair, haveriam de errar. Por que Deus faz algo desta forma? Ele não poderia proibir e impedir tal realidade? Na verdade, nós vamos observar que Deus sabe de todas as coisas, e, como Senhor, entende o que está acontecendo; mas fica bem claro no texto que Deus tem intenções por trás disso. Por exemplo: sabendo que o ser humano é absolutamente um ser com capacidade de liberdade, Deus o criou já com a condição de escolher; a qualquer hora ele haveria de escolher a Deus ou opor-se a Deus. Em sua infinita sabedoria, Deus permitiu que o homem passasse por uma situação de tentação! E essa tentação foi externa ao homem, foi produzida de fora, veio de Satanás, veio da serpente; portanto, assim como o homem foi levado a cair, existe agora a chance de ele ser levado a sair da queda. Existe a possibilidade de que se o homem caísse sozinho, por sua própria decisão, por sua própria atitude voluntária, sozinho, ele poderia, talvez, nunca mais sair da situação de pecado na qual se colocou. De certa forma, a tentação permitida pode ser vista como tendo também um elemento de

² A expressão “conhecimento do bem e do mal” no hebraico tem o sentido de conhecimento absoluto. Trata-se de um semitismo. Para uma compreensão do termo mal no hebraico: Brown, Driver and Briggs, *Hebrew-English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1905), p. 967-969. Cf. também, G. Helbert Livingstone, “עֵץ (rā’á)”, em R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr. e Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1994), p. 1441-1445.

³ Há excelentes comentários que são referências do livro de Gênesis que inspiram os elementos exegéticos presentes neste artigo: Waltke, Bruce K. *Comentários do Antigo Testamento: Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. Brueggemann, W. *Genesis*. Interpretation Commentary. Atlanta: John Knox, 1982. Cassuto, U. *A Commentary on the Book of Genesis 1-11*. Tr. I. Abrahams. Jerusalem: Magnes, 1961, 1964. Wenham, G.J. *Genesis 1-15*. Word Biblical Commentary 1. Word, 1987. *Genesis 16-50*. WBC 2. Word, 1994. Westermann, C. *Genesis*. 1-11, 12-36, 37-50. Biblischer Kommentar: Altes Testament. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1974-82. Vols. I, II. Tr. J. J. Scullion. London: SPCK, 1984, 1986.

misericórdia divina, pois Deus permitiu ao homem cair, e certamente estende a mão para tirá-lo dessa posição de queda.

O texto nos diz aqui, a partir do versículo 1, que a serpente dirige a sua palavra de tentação a mulher. A mulher está sozinha, e aparece no texto numa relação de distanciamento de Adão. Vemos que Adão está em outro contexto, em outro lugar, pois ele não está presente. Existe, como alguns comentaristas gostam de enfatizar, uma espécie de silêncio de Adão. Assim, a mulher então se deixa levar pela palavra de serpente, e é importante destacar que o termo serpente, no original hebraico, é uma palavra de gênero masculino; então seria “o serpente”, se nós fôssemos traduzir ao pé-da-letra.

Vamos observar como as coisas acontecem: a serpente começa perguntando para a mulher, se Deus disse mesmo se não deveriam comer nenhum fruto das árvores do jardim. A mulher dá ouvidos à serpente e diz que não, que Deus não falou exatamente isso, e que eles poderiam comer de todos os frutos, menos da árvore que está no meio do jardim, e então ela afirma que não deveria nem tocar nela; do contrário vocês morrerão, disse Deus, ela repete as palavras do Criador; então a serpente diz: “Não, isto não vai acontecer, vocês não vão morrer, vocês serão como Deus”. A mulher então se encanta com este discurso e passa a observar o fruto; e nós não sabemos que fruto é este. E, então, ela finalmente come e entrega ao marido que come com ela também, conforme o versículo 15. Então, ironicamente, nós vamos ver que os dois abrem agora os olhos e descobrem que estão nus, e vão procurar resolver a situação por conta própria. O que vamos observar de bastante prático aqui neste capítulo três, neste momento? Vamos ver qual é a dinâmica da tentação que levou os primeiros pais a cair e que certamente nos dá condição de entender muita coisa para a nossa realidade de hoje.

Devemos observar, por exemplo, que logo no primeiro versículo existe a distorção da palavra de Deus: a serpente muda o que Deus disse, a palavra de Deus não é transmitida na sua inteireza e com fidelidade, a serpente faz um acréscimo muito claro aqui dizendo que Deus proibiu comer de todas as árvores, e o erro de Eva é exatamente dar atenção ao mal, ela aceita dialogar com a serpente como se ela pudesse ser uma segunda parte do diálogo, sem problemas alguns. E, finalmente mais para adiante nós vamos observar Eva entrando neste processo de enfraquecimento pessoal, quando ela mesma altera a palavra de Deus: ela acrescenta a frase: “nem toquem, não podem tocar nele”; o que Deus não tinha dito, e, daí a serpente encontra espaço para prosseguir no seu intento maligno e afirma claramente, no versículo 4, que Deus mentiu; ela diz: não, não é isso a uma alegação absoluta da palavra divina e em seguida um questionamento da bondade de Deus; a serpente sugere que Deus exige obediência porque ele quer o nosso mal, porque Deus é egoísta e não quer que sejamos alguém que vai competir com ele, e finalmente Eva rompe em absoluto com a palavra divina e agora presta atenção somente aos seus próprios sentidos; ela se concentra na atração do fruto, olha e observa. Merece atenção, diz o versículo 6, que quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu e o deu ao seu marido que comeu também. Observe a concentração no “ver” ao invés de “ouvir” a palavra divina; ela então se esquece de Deus e se concentra plenamente na atração do fruto e comete o pecado; esse procedimento ainda a leva a uma atitude ainda mais impressionante; nós vemos que Eva não só come, mas ainda passa imediatamente para que Adão faça o mesmo, ela o convida para um proselitismo em favor do mal aqui, e Adão cai no pecado juntamente com ela, esquecendo-se plenamente da palavra divina, da orientação de Deus.

Todavia, surpreendentemente, diante deste erro, quando eles caem no pecado e observam que as coisas não aconteceram do jeito que a serpente falou, esperava-se que eles tivessem imediatamente o conhecimento pleno, que eles chegassem a ser deuses como era o desejo do coração deles. Mas os dois, ao enfrentarem essa dificuldade pós tentação, não buscam a Deus; seria razoável que agora eles falassem: “Não! Há um problema! A serpente nos enganou, vamos voltar, vamos procurar o SENHOR Deus para que ele nos ajude, porque nós fizemos o que não era permitido; mas ao cair na tentação,

o próximo passo em direção ao abismo é buscar a autossuficiência; primeiro o casal busca resolver o problema sozinho. Eles perdem o estado de inocência, sentem-se num conflito muito intenso com a sua própria nudez e diante disso tentam fazer aventais, fazer alguma coisa para si mesmos. Para que possam resolver o problema sozinho, eles buscam folhas de figueira e tentam construir a sua própria ajuda, o seu próprio auxílio, independentemente de Deus. Então, vemos neste texto a origem do pecado, como o pecado teve origem, começou na raça humana e, a partir daí, então, o pecado passou a todas as pessoas.

Esta situação de pecado do ser humano é um ponto de partida claro das Escrituras que colocam a fé cristã numa posição diferenciada; praticamente todas as ideologias religiosas e não religiosas do mundo entram em profundo contraste com o pensamento cristão, com essa visão que vemos em Gênesis, porque a maioria absoluta dos pensamentos e ideias a respeito do homem sugerem que o ser humano não é mal em si mesmo, que não há nada dentro dele que o condene em absoluto; pelo contrário, a ideia do mal é colocada em governos, é colocada na sociedade, é colocada numa outra fonte; parece que o pressuposto é que o ser humano parte de uma situação de neutralidade. A Bíblia, a partir desse texto vai nos dizer que nós todos temos o que conhecemos como pecado original, por sermos descendentes de Adão e por Adão ter rompido a sua relação com Deus, uma relação profundamente estabelecida de comunhão e de paz. Com isso o pecado entrou no mundo, e o pecado passou a todos os homens, como vamos ver lá no livro de Romanos (5.12).⁴ Portanto, a natureza humana é voltada para si mesma, com seu egoísmo, como vemos aqui. Veja que não só o homem peca, mas também tenta se livrar sozinho, numa atitude de independência; e, é surpreendente porque eles dão um jeito de se cobrir com folhas de figueira, que certamente não são o tipo de cobertura mais confiável que existe; com qualquer vento e qualquer mudança de situação estas folhas vão embora, e o homem nem pensa em como resolver o seu próprio problema de maneira absoluta; ele deixa as consequências para depois, e nós vamos perceber que esta natureza radicalmente maligna que se estabelece no ser humano é comprovada na nossa experiência do dia-a-dia. Uma criança pequena aprende facilmente a fazer o mal com bastante rapidez, mas ensiná-la a fazer o bem é difícil, é custoso, é demorado; se crianças são abandonadas, como acontece infelizmente, já por causa da natureza pecaminosa, essas crianças não invadem bibliotecas para estudar geometria. Não vão agir assim; a tendência natural é aprender com facilidade o que não é bom e ter dificuldade de aprender aquilo que é positivo, que é construtivo.

Esse é o problema radical do ser humano! Diferentemente das outras ideologias, a teologia cristã entende que nós somos pecadores desde o nascimento, enquanto ao mesmo tempo afirma que o ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus e possui plena dignidade. As ideologias que tentam negar as Escrituras não afirmam a mesma realidade; muitas vezes comparam o ser humano a um mero animal, apenas a uma espécie de mamífero com menos pelos em seu corpo, e, enquanto dizem isso, sugerem que ele é inocente, que ele é neutro; e grande parte do nosso pensamento humanista em várias áreas das ciências humanas é construída exatamente nesta suposta inocência do ser humano. Devido à radicalidade do mal, devido ao pecado terrível que está já definitivamente arraigado em nosso ser, é absolutamente necessária a salvação divina, a intervenção de Deus em favor do homem, porque ele sozinho certamente não será capaz de resolver a problemática na qual ele está inserido.

Falando sobre o pecado, vale ressaltar que a expressão “em pecado me concebeu minha mãe” (Tradução Brasileira) vem de Salmo 51.5. Traduzido de modo mais claro pela NVI 2000, nele lemos: “Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe.” Aqui encontramos uma das doutrinas mais importantes da fé cristã. De fato, só o cristianismo ensina a doutrina do pecado original. Nascemos com “defeito de fábrica”. Somos pecadores por natureza. Isso significa que não

⁴ Veja a boa discussão teológica sobre a questão do mal e do pecado original em Williams N. P., *The Ideas of the Fall and of Original Sin*. Londres, 1927. Evans, G. R., *Agostinho Sobre o Mal*, Paulus, S. Paulo, 1995. Flew, Antony, “Divine Omnipotence and Human Freedom”, *New Essays in Philosophical Theology*, 1955. Leibniz, Gottfried Wilhelm, *Essais de Théodicée, Sur la Bonté de Dieu la Liberté de l’homme et l’origine du mal*, Garnier – Flammarion, Paris, 1969. Rosenberg, Shalom. *Good and Evil in Jewish Thought*. Mod, Tel Aviv, 1989.

nos tornamos perversos e maus por falta de educação e conhecimento. Também não é verdade que a maldade tem origem na sociedade, na televisão e na influência perniciosa do cinema ou da internet. O fato é que nossa maldade brota de nós mesmos. O mal que contamina, como disse Jesus, vem do coração humano (Mc 7.20-23). Para piorar nossa situação, a descrição bíblica, ainda vai dizer que somos totalmente corrompidos. Nada se salva! Ao descrever a triste realidade da pecaminosidade humana, Paulo escreve em Romanos 3.11-12 “Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer”.

O pecado original foi muito bem descrito por Calvino e toda a tradição reformada. O teólogo francês o descreveu como a “depravação total da raça humana”. Desde que nossos pais pecaram no Éden, Adão e Eva transmitem a seus descendentes uma natureza pecaminosa permanentemente inclinada para o mal. É o resultado da queda. Quando lemos o Novo Testamento, descobrimos que essa natureza pecaminosa, chamada de carne por Paulo, permanece atuando na vida do cristão. A conhecida luta contra a carne é descrita de modo vívido por Paulo em Romanos 7. Mesmo o mais consagrado cristão não terá descanso nesta batalha enquanto não chegar a plena redenção.

Apesar das inequívocas referências à natureza pecaminosa humana, muitas pessoas ficam confusas e até ressabiadas com as afirmações teológicas sobre o tema. Como se pode dizer que temos uma natureza totalmente depravada? Não somos capazes de boas ações? Quantos atos de solidariedade e bondade são feitos no mundo, inclusive por pessoas não religiosas? Onde está a depravação humana no sorriso de uma criança?

É preciso deixar bem claro que nós, seres humanos, somos capazes de atos de bondade e de feitos agradáveis a Deus (como era o caso de Cornélio antes da conversão – At 10.4). O fato de sermos criados à imagem de Deus garante tais procedimento justos e bons. É preciso ressaltar que a imagem de Deus permanece no ser humano, mesmo depois da queda, como vemos em Tiago (Tg 3.9). O pecado atingiu a imagem de Deus no homem, mas não a destruiu. Diante disso, onde está a “depravação total”? A realidade de nossa pecaminosidade plena se mostra pela nossa incapacidade de fazermos qualquer obra livre de contaminação do pecado. Todas as nossas obras estão maculadas. O vetor condutor de nossas ações não é a glória de Deus, mas nosso próprio eu como centro de tudo. Assim, uma bela oração pode estar maculada por deplorável esnobismo. Uma pregação pode estar manchada por interesses pessoais. Um ato de caridade pode estar associado à mera vanglória. Além disso, nossa injustiça nos torna incapazes de redenção. Não podemos nos salvar e nada merecemos. Nossa melhor produção é “trapos de imundícia”, nas palavras de Isaías 64.6

Nossa Situação Atual

¹⁰ **Como está escrito:**
“**Não há nenhum justo, nem um sequer;**
¹¹ **não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus.**
¹² **Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer”.** (Rm 3)

Desde Adão, todos nos separamos de Deus e nos encontramos mortos espiritualmente. Não existe nada bom em nós mesmos. E isto se manifesta em atos pecaminosos

Somos pecadores por natureza

A importância de darmos atenção a uma questão teológica e doutrinária como essa está no fato de que há um clamor e uma crítica geral sobre a situação frágil da igreja brasileira em sua firmeza doutrinária. Se não entendermos a doutrina do pecado, que nos diferencia de humanistas, seculares, da tradição islâmica e do judaísmo rabínico, não poderemos ser cristãos teologicamente responsáveis.

É preciso ressaltar que para se compreender a salvação trazida por Cristo (em sua plenitude), faz-se necessário entender o que aconteceu conosco na queda. A dimensão da redenção só faz sentido se compreendermos o que aconteceu conosco a partir do Éden. A princípio a queda do homem parece um fato puramente teológico. O homem desobedeceu a Deus, perdeu sua condição inicial e precisa de salvação para retornar à condição primeira. Todavia, a dimensão teológica não é única na queda. No próprio texto de Gênesis 3 vamos encontrar as outras dimensões que nos revelam a origem dos nossos problemas. Ao ser questionado por Deus sobre seu pecado, Adão culpa sua mulher: “Foi a mulher que me deste por companheira” (Gn 3.12). É a queda sociológica, quando o homem passa a ter uma ruptura com o próximo. A ampliação dessa ruptura se vê na história de Caim e Abel (Gn 4), quando vemos a narrativa do primeiro homicídio.

Além da queda teológica e sociológica, a queda também tem sua dimensão psicológica. O homem e a mulher agora são descritos como cheios de vergonha e vão esconder-se de Deus (Gn 3.7-8). A ruptura do homem consigo mesmo é decorrente do seu pecado contra Deus. Aqui começam os nossos problemas psicológicos e emocionais.

A quarta dimensão da queda é ecológica. A ruptura com a criação também fica estabelecida no texto de Gênesis. O texto é forte: “... maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você e alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. “Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará” (Gn 3.17-19). Aqui começa nosso dilema ecológico. A ruptura do homem com a criação, muito antes das discussões mais recentes como a do “aquecimento global”.

Diante da realidade das dimensões da queda do homem, podemos abrir a mente para entender a gloriosa redenção que há em Cristo. Ele não só veio perdoar os nossos pecados e trazer a salvação da alma, mas também trazer uma redenção que deve mudar beneficentemente a sociedade, produzir sabedoria que auxilie nossa fragilidade psicológica e levar a efeito a renovação cósmica futura plena de toda a criação, como vemos em Romanos e em Colossenses (Rm 8.19-22; Cl 1.19-20).

Compreender adequadamente a doutrina do pecado original é, portanto, fundamental. Essa doutrina, devidamente compreendida, nos ajudará a compreender a nós mesmos e a encararmos de frente nossa terrível maldade e fragilidade. Quando isso acontece, nosso senso de realidade nos permite uma convivência mais adequada com o semelhante. Nossas leis, fundamentadas na realidade, serão mais apropriadas para lidar com a realidade. Além disso, entender corretamente a questão nos livrará de dilemas pessoais terríveis em nossa jornada de santificação cristã. Quem entende o que é o pecado e o que é a salvação saberá lidar com essa tensão e com a tentação! Finalmente, sem entender o que aconteceu conosco e o que a obra de Cristo fez, trazendo restauração, jamais poderemos ser suficientemente gratos pela nossa salvação. Por isso, é importante que nunca deixemos de ter a Bíblia ao seu lado, e os livros teológicos à mão.

A Queda do Homem e seus Efeitos

QUATRO PRINCIPAIS DIMENSÕES DA QUEDA

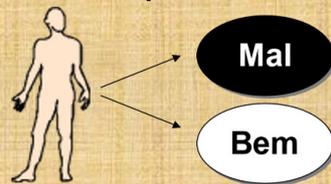
- **RUPTURA COM DEUS: TEOLÓGICA**
(v.8: esconderam-se)
- **RUPTURA COM O PRÓXIMO: SOCIOLÓGICA**
(v.12: a mulher que me deste)
- **RUPTURA CONSIGO MESMO: PSICOLÓGICA**
(v.10: fiquei com medo porque estava nu)
- **RUPTURA COM A CRIAÇÃO: ECOLÓGICA**
(v.17: maldita é a terra por sua causa)

Apesar de pecador, o ser humano continua tendo a condição de usar de sua liberdade. E o fato é que nos últimos tempos, falar sobre livre-arbítrio tornou-se uma conversa difícil. As polarizações de perfil filosófico-teológico têm causado polêmicas e controvérsias ligadas ao tema. Todavia, a questão permanece como tema significativo na história do pensamento bíblico e cristão.

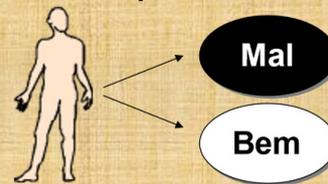
Por incrível que pareça, nem sempre a expressão livre-arbítrio é entendida da mesma forma pelos que discutem o assunto. De modo geral, fala-se em livre-arbítrio como “a condição de fazer escolhas de modo livre, sem interferência de qualquer condicionamento ou causa determinante”. Isso ainda é bastante vago. Do que estamos falando? Não existe nenhum fator que limita as nossas escolhas? Isso é muito improvável. Por outro lado, negar o “livre-arbítrio” significa que não temos responsabilidade moral em nossas decisões pelo fato de as nossas escolhas não serem “escolhas reais”. Esse determinismo também é improvável.

AGOSTINHO: ARBÍTRIO

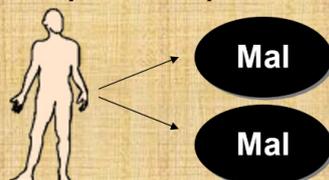
Antes da Queda
Posso não pecar



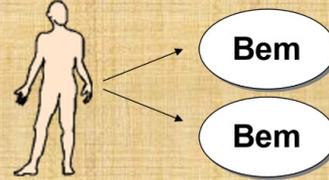
Redimido
Posso não pecar



Caído
Não posso não pecar



Glorificado
Não posso pecar



Diante da discussão, é importante destacar que a questão já está presente logo no início das Escrituras. Quando Deus deixa Adão e Eva no Jardim do Éden, eles são colocados diante da escolha de obedecer ou não à ordem divina (a árvore do conhecimento do bem e do mal – conhecimento absoluto/ser como Deus). A desobediência tem causas terríveis. O pecado causa a morte. O uso da liberdade para o bem ou o mal surge com destaque. A tradição judaica consagrou esse conflito entre a obediência e desobediência como a luta entre o *Yetser Hatov* e o *Yetser Hara'*.

A discussão, portanto, está diretamente ligado ao problema do mal. Por que o pecado e o sofrimento estão presentes no universo do Deus bondoso e todo-poderoso? Muitos estudiosos do tema explicam que diante da realidade do mal, Deus permite o mal e o utiliza para fins bons. Deus permite o mal para produzir um bem maior.⁵ Para explicar a origem do mal, afirma-se que o mal sempre seria uma possibilidade, visto que Deus criou seres dotados de vontade livre (livre-arbítrio). E para que fossem de fato livres, e não máquinas, esses seres sempre teriam a possibilidade de optar por agir contra a vontade de Deus, e isso então daria origem ao mal (pecado). Portanto, a única saída para a impossibilidade plena do mal seria a inexistência de seres pessoais livres, o que nos daria um universo mecanicista, composto de seres impessoais, destituídos de arbítrio. Portanto, a questão do arbítrio humano está diretamente ligada à imagem de Deus (*imago dei*).

Os defensores desse posicionamento ainda argumentam que Deus apenas permite o mal – o que não é a mesma coisa que ser autor direto do mal – por razões e finalidades boas que não compreendemos plenamente agora. Evidentemente, a força desses argumentos depende de suas pressuposições. O argumento teísta clássico afirma que o mal pode ter início no bem, embora isto seja incidental e nunca essencial. Não há derivação essencial do bem para o mal. Isso é compreensível, pois segundo o teísmo clássico (e o pensamento bíblico) o mal não existe enquanto substância, conforme mostra o clássico argumento de Agostinho. Nesse sentido, o mal não possui existência plena. É como a ferrugem que atinge o ferro. Não existe um ferro totalmente enferrujado, pois esse deixaria de existir. Assim como a ferrugem existe em função do ferro como elemento parasita e destruidor, também o mal só existe em função do bem.

A ideia fundamental desse tipo de teodiceia é que o mal tem origem no mau uso do arbítrio das criaturas de Deus. Algumas dessas criaturas optaram pelo mal moral (na escolha da árvore do Éden). Esse exercício da liberdade resultou direta ou indiretamente em todos os males e sofrimentos que acometem o mundo de Deus. Recentemente, diversos filósofos contemporâneos questionaram a lógica desse posicionamento. Segundo eles, Deus não estava obrigado necessariamente a criar seres com capacidade de escolher o mal. Alguns estudiosos da questão como Antony Flew e J. L. Mackie negaram a validade do argumento tradicional, afirmando que Deus poderia ter criado seres que escolhessem sempre o bem. Outros estudiosos, porém, como Nelson Pike e Alvin Plantinga rebatem essa ideia afirmando que ela nega o sentido comum da palavra liberdade.⁶ Talvez a maior dificuldade da discussão é que nem sempre se trata suficientemente a distinção entre o mal físico (catástrofes naturais) e o mal moral (pecado). É fato que muitos males têm origem no exercício da liberdade humana, mas, pergunta-se se um terremoto ou um furacão poderiam ter a mesma explicação? A resposta normalmente dada é que ou estes males têm sua causa primeira em um espírito demoníaco ou que eles têm alguma relação com o pecado de alguém ou dos antepassados, o que pode chegar até o pecado original de Adão. O raciocínio básico é essencialmente retributivo.

⁵ Veja mais sobre a questão em Buber, Martin, *Eclipse of God*, Harper Torchbooks, New York, 1957. Carson, D. A., *How Long, O Lord? Reflections on Suffering & Evil*, Baker Book House, Grand Rapids, Michigan, 1990. Geisler, Norman L., *The Roots of the Evil*, Zondervan, Grand Rapids, 1978. Peterson, Michael L. *Christian Theism and the Problem of Evil*. JETS 21/1, 1978. Pfeil, Hans. *Deus e o Mundo Trágico*. Loyola, S. Paulo, 1997.

⁶ Confira as considerações sobre o tema em Flew, Antony, "Divine Omnipotence and Human Freedom", *New Essays in Philosophical Theology*, 1955. Mackie, J. L. *Evil and Omnipotence*. Edinburgh, Thomas Nelson & Sons, 1955. Plantinga, Alvin C., *God, Freedom and Evil*, Eerdmans, Grand Rapids, 1980. Pike, Nelson, "God and Evil: A Reconsideration." *Ethics* (January 1958), 68(2):116-124. Comments on Henry D. Aiken's "God and Evil: A Study of Some Relations between Faith and Morals," in the same issue, pp. 77-97.

Portanto, a discussão sobre o livre-arbítrio parece ficar mais clara quando se entende que o ser humano, como imagem de Deus, é capaz de escolhas reais e responsabilizáveis. Não se pode aceitar a ideia determinista de que somos apenas máquinas, ou robôs, que tem escolhas plenamente definidas por aspectos biológicos, ambientais, psicológicos e sociológicos. Esse perfil determinista é desafiado pelo pensamento bíblico. Mas, isso não significa que nossa liberdade é absoluta. Não temos livre-arbítrio no sentido em que podemos fazer o que desejamos. Nossas escolhas são limitadas pela nossa condição de criatura. Nossa liberdade não é total, ainda que seja real e moralmente responsável.

Todavia, a questão não se restringe à teologia da criação. O texto bíblico é claro em nos afirmar que depois da entrada do pecado do mundo, a neutralidade humana não existe. O homem é mau. É pecador por natureza. A discussão agora envolve hamartiologia (doutrina do pecado) e o mal moral. Nossa liberdade foi afetada. Nossa depravação interfere em nossas escolhas, porque somos pecadores desde que nascemos. Apesar disso, estar claro nas Escrituras e na teologia evangélica, os detalhes ainda estão em aberto.

Todavia, cabe aqui a pergunta: Será que nossa depravação nos tira nossa humanidade? A imagem de Deus foi excluída? Não há nada de bom na experiência humana fora da experiência cristã? Não é bem o caso. Poderíamos aqui cair em outro tipo de determinismo. A depravação humana não significa que somos infinitamente perversos e que todos os nossos atos são monstruosos. Não é o caso, como se vê na vida do gentio e pagão Cornélio (At 10) antes de ser convertido. Essa depravação significa que todos os nossos atos são maculados, egoístas, autocentrados, imperfeitos e incompletos. Não damos a Deus a glória que só ele merece.

Portanto, nossas escolhas estão prejudicadas, e a situação é muito pior. Não somos “livres” no sentido pleno, pois temos limitações naturais e por causa do pecado original. Todavia, não podemos negar nossa liberdade, no sentido em que temos consciência moral, podemos roubar ou não roubar, e somos responsáveis por nossas escolhas. É preciso ter equilíbrio para entender os dois lados que envolvem a nossa liberdade ou, se assim preferirmos, o nosso “livre-arbítrio”.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2006.

AMANN, E. Théodicée, **Dictionnaire de Théologie Catholique**, vol 15, Paris, 1946.

AQUINO, TOMÁS DE. **Suma Teológica: o pecado**. São Paulo: Loyola, 2001.

ARMINIUS, JACÓ. **A doutrina da Predestinação**. São Paulo: Vida, 1999.

BARTH, KARL. **A Teologia da Palavra de Deus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

BERKHOF, LOUIS. **Teologia Sistemática**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

BONHOEFFER, DIETRICH. **Tentação: uma experiência teológica e prática**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

BRUEGGEMANN, W. **Genesis. Interpretation Commentary**. Atlanta: John Knox, 1982.

BUBER, MARTIN. **Eclipse of God**. New York: Harper Torchbooks, 1957.

CALVINO, J. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CARSON, D. A. **Soberania divina e responsabilidade humana: perspectivas bíblicas em tensão**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CASSUTO, U. **A Commentary on the Book of Genesis 1–11**. Jerusalem: Magnes, 1961, 1964.

- DAVIDSON, R. **Genesis 1–11, 12–50. Cambridge Bible Commentary.** Cambridge: CUP, 1973, 1979.
- DAVIS, STEPHEN T. The Problem of Evil in Recent Philosophy. **Review and Expositor**, 82:4, Fall, 1985.
- DELITZSCH, F. **A New Commentary on Genesis. Vols. 1, 2.** Edinburgh: Clark, 1888; repr. Klock, 1978.
- EDWARDS, JONATHAN. **A liberdade da vontade.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- ELIADE, MIRCEA. **The Sacred and the Profane, the Nature of Religion,** Harvest Book, NY, 1959.
- ERICKSON, MILLARD. J. **Introdução à Teologia Sistemática.** Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GERSTENBERGER, ERHARD S. **Deus no Antigo Testamento.** São Paulo: ASTE, 1981.
- GRUDEM, W. **Teologia Sistemática.** Tradução de Norio Yamakami e outros. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HICK, JOHN. *The Problem of Evil*, em “**Encyclopedia of Religious Knowledge**”, edited by Mircea Eliade. New York: Macmillan, 1967.
- KAUFMANN, Y. **A Religião de Israel.** São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1989.
- KEIL, C. F. **The Pentateuch I. Biblical Commentary.** Grand Rapids: Eerdmans, n.d.
- KIERKEGAARD, SÖREN. **The Gospel of our Sufferings.** Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
- LEIBNIZ, GOTTFRIED WILHELM. **Essais de Théodicée, Sur la Bonté de Dieu la Liberté de l’homme et l’origine du mal.** Paris: Garnier – Flammarion, 1969.
- LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LORETZ, O. **Schöpfung und Mythos: Mensch und Welt nach den Anfangskapiteln der Genesis.** SBS 32. Stuttgart: KBW Verlag, 1969.
- LUTERO, MARTINHO. **Da vontade cativa.** São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- RAD, G. Von. **Gênesis.** Tradução de J. H. Marks e J. Bowden. London: SCM Press, 1972.
- RAHNER, Karl. **O homem como pecador.** São Paulo: Paulus, 1995.
- REALE, GIOVANNI E DARIO ANTISERI. **História da Filosofia**, 3 vols. São Paulo: Paulus, 1990.
- RICOEUR, PAUL. “Evil”, em **Encyclopedia of Religious Knowledge.** Editado por Mircea Eliade. New York: Macmillan, 1967.
- ROSENBERG, SHALOM. **Good and Evil in Jewish Thought.** Telaviv: Mod, 1989.
- SARNA, N. M. **Understanding Genesis.** New York: Schocken Books, 1970.
- SAYÃO, Luiz A. T. **O problema do mal no Antigo Testamento: o caso de Habacuque.** São Paulo: RTM, 2022
- SCHOPENHAUER, A. **Sobre o livre-arbítrio.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SIWEK, PAUL. **Le Problème du Mal.** Desclée: Brouwer et Cie, 1952.

SPEISER, E. A. **Genesis**. New York: Doubleday, 1969.

VRIEZEN, T. C. **The Religion of the Ancient of Israel**. Westminster, Philadelphia, 1983.

WEINFELD, M. **Sefer Bereshit**. Tel-Aviv: Gordon, 1975.

WESTERMANN, C. **Genesis. 1–11, 12–36, 37–50**. Biblischer Kommentar: Altes Testament. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1974–82. Vols. I, II. Tr. J. J. Scullion. London: SPCK, 1984, 1986.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional